

HUSSERL: ÉTICA E RESPONSABILIDADE DO FILÓSOFO

[HUSSERL: ETHICS AND RESPONSIBILITY OF THE PHILOSOPHER]

Vanessa Furtado Fontana *

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO: O artigo analisa a obra *Krisis* de Husserl sob uma perspectiva ética. O principal argumento ético está na famosa afirmação de Husserl acerca da função do filósofo como “funcionário da humanidade”. Limita-se a ética do filósofo como aquele que garante a possibilidade de construir uma ética totalizante. É através do filósofo e da comunidade de filósofos que a crise contemporânea pode ser pensada e ultrapassada. Destaca-se o conceito de responsabilidade como chave para uma ética do filósofo, ou seja, como sujeito responsável em pensar o seu tempo histórico. Deve-se pensar o papel do filósofo na construção de uma ética da comunidade. Trata-se de pensar como o filósofo pode ajudar na crise das ciências e da humanidade em geral, para que esta se torne uma humanidade autêntica.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Ética; Responsabilidade; Filósofo

ABSTRACT: The article analyzes Husserl's work *Krisis* from an ethical perspective. The main ethical argument is in Husserl's famous statement about the philosopher's role as an “employee of humanity”. The philosopher's ethics is limited as one that guarantees the possibility of a totalizing ethics. It is through the philosopher and the community of philosophers that the contemporary crisis can be thought of and overcome. The concept of responsibility stands out as a key to the philosopher's ethics, that is, as a responsible subject in thinking about his historical time. One should think about the philosopher's role in building community ethics. It is about thinking about how the philosopher can help in the crisis of science and humanity in general, so that it becomes an authentic humanity.

KEYWORDS: Phenomenology; Ethic; Responsibility; Philosopher

PARA UMA ÉTICA FENOMENOLÓGICA

O tema da ética na fenomenologia de Husserl passa por três fases distintas. A primeira fase é marcada pelos escritos datados entre 1908-1914 publicados em 1988 no volume XXVIII da husserliana sob o título de *Preleções sobre a ética e a teoria do valor*. Nesses textos há pelo menos um que data de 1897 e outros de 1902, como o capítulo sobre a crítica da ética kantiana. As preleções dessa primeira fase trazem um paralelismo entre ética e lógica, além de uma crítica ao empirismo, ceticismo e psicologismo; trazem também uma axiologia formal e uma fenomenologia da vontade. Na segunda fase está a husserliana XXVII intitulada *Aufsätze und Vorträge*, ou seja, *Ensaios e palestras* que compreende textos entre 1922-1937, publicado em 1989. Esses textos incluem o artigo *Renovação* para a revista japonesa *Kaizo*, texto que data de 1922

* Doutora em Filosofia na área de Ontologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Brasil. Email: vanessa@yahoo.com.br

até 1924. E a terceira fase que compreende os textos das palestras proferidas em Viena e Praga sobre *A crise da humanidade europeia e a Filosofia* de 1935 e *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*¹ de 1936. É sobre essa última obra, a *Krisis*, que se trata esse artigo.

Para compreender a ética fenomenológica e como pensar uma ética do filósofo na obra *Krisis*, é preciso pensar que todas as fases da ética husserliana se destaca a razão como ponto chave para o pensamento ético. A ética vem dar uma resposta à crise da humanidade e da filosofia que perpassa o período contemporâneo. A crise de que fala Husserl não é só uma crise epistemológica, mas é também uma crise filosófica e existencial da humanidade. Esta humanidade é marcada pelo nascimento e desenvolvimento da filosofia no ocidente, e mais do que isso, é marcada pela herança europeia da razão. Apesar da pesquisa de Husserl tratar da crise europeia das ciências, como bem observa o professor e tradutor Pedro M. S. Alves²: “[...] não tem qualquer sentido a acusação, muito disseminada, de um ‘eurocentrismo’ de Husserl.” (ALVES, 2014, p. X) A humanidade se esqueceu de seu compromisso com a racionalidade e a verdade, com a ética e a política da comunidade e se encontra numa crise de falta de sentido existencial. Como chegamos nessa crise? Segundo Ferrer:

Uma parte da crise retratada na obra deriva justamente da inadequação desta última auto-reflexão perante o êxito galopante das ciências positivas. Em virtude dessa inadequação, as ciências perderam rapidamente o seu fundamento de sentido. (FERRER, 2008, p. 11)

A falta de sentido ético da humanidade vem dessa desvalorização da filosofia e da razão em detrimento das ciências positivas e das tecnologias desenvolvidas no período. A consequência do esquecimento do pensar reflexivo na vida humana culminou com a primeira guerra mundial, sobre a qual Husserl avalia numa carta escrita a Albert Schweitzer: “O que a guerra descobriu é a indescritível miséria, não só moral e religiosa, mas filosófica da humanidade.” (VÁSQUEZ, 2002, p. VII) A guerra causou um impacto muito grande nas obras de Husserl, e o fez repensar uma ética autêntica para a humanidade. Trata-se de saber se há uma fundamentação última da razão e da ciência através da fenomenologia transcendental, e se é possível com a ciência fenomenológica construir as bases de uma ética que habilite a responsabilidade do sujeito diante da tecnologia.

Para construir a ética fenomenológica é preciso ultrapassar os irracionalismos, ceticismos e empirismos éticos. Segundo Mariana Chu Garcia: “Seja na forma de biologismo, psicologismo ou antropologismo, o empirismo ético conduz ao ceticismo, pois com a compreensão naturalista dos conceitos éticos se nega a ideia de razão prática, de obrigação e de bem em si.”³ (GARCÍA, 2015, p. 33. Tradução nossa) O fundamento da ética e a renovação da humanidade tem como base a razão da consciência pura como objetivo para alcançar uma ética teleológica. O *telos* da construção da ciência fenomenológica é resgatar as ciências da crise e do ceticismo diante da humanidade. Esse *telos* é uma operação racional e universal tal como o ideal grego de *episteme* definidor da própria tarefa da filosofia antiga e também da atual. Husserl pretende, tal como os gregos, retomar o projeto da razão universal. O diferencial da proposta da ética do filósofo é que este se coloca como representante da humanidade para pensar a crise e dar sentido ético aos problemas do seu tempo histórico.

A ética do filósofo aparece em meio a tarefa de encontrar uma racionalidade para tornar compreensível os fenômenos da vida humana. A *Krisis* aparece como conferência que pretende desvendar o enigma da subjetividade, enigma esse não descoberto pela psicologia, que como outras ciências está em crise. A palavra crise significa decisão ou

escolha, ou seja, é preciso escolher a fenomenologia transcendental como base para as outras ciências, e para a ética. As grandes questões humanas foram deixadas de lado, foram esquecidas por causa do desenvolvimento das ciências, mas Husserl quer resgatar esse caráter existencial e ético da humanidade e da comunidade moral. Conforme Husserl:

A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, toda a mundividência do homem moderno de deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela “*prosperity*” a elas devida, significou um virar as costas indiferente às questões que são as decisivas para uma humanidade genuína. Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos. (HUSSERL, 2008, p. 21-22)

Husserl se preocupa muito com a direção que a humanidade escolhe tomar ao negligenciar as questões filosóficas e existenciais do humano em favor das tecnologias. A referência crítica às *ciências de fatos*⁴ mostra a falta do pensamento filosófico e ético para às ciências e sua consequência numa concepção de humano limitada e ingênua. Esta citação reforça a ideia de que o fundamento das ciências não está nas próprias ciências de fatos, mas encontra-se na fenomenologia pura, como ciência doadora de sentido aos vários tipos de ciências, e mesmo à ética universal. Husserl se indaga: “Será que nos podemos satisfazer com isso, será que podemos viver neste mundo, cujo acontecer histórico não é outra coisa senão um encadeamento interminável de ímpetos ilusórios e amargas decepções?” (HUSSERL, 2008, p. 22) A indagação direciona diretamente ao pensar filosófico, a fenomenologia ganha aqui um caráter existencialista ao se preocupar com o presente e o futuro histórico da humanidade. Há um ar de pessimismo ao diagnosticar a crise das ciências, contudo, essa visão trágica da guerra e da vida contemporânea tende a ser ultrapassada com a proposta de retorno ao mundo da vida e da fundamentação fenomenológica da ética e da vida em geral.

Certamente, o diagnóstico husserliano acerca da crise das ciências europeias, como crise ética e existencial, traz um tom pessimista à avaliação histórica das ciências contemporâneas, contudo, não se trata de permanecer numa atitude pessimista, mas antes de diagnosticar corretamente o momento atual para dar uma solução filosófica. Como explica Franco Volpi⁵ quando fala do diagnóstico do desconforto contemporâneo, explica que o termo desconforto gerado pela crise, “que este termo exprime uma atitude pessimista...” (VOLPI, 1989, p. 156); e que essa atitude também se repete quando se fala das “...acusações de crise moral, de desorientação e de decadência...” (VOLPI, 1989, p. 156). Contudo, concorda-se com Volpi que não se trata de sustentar um pessimismo, como ele diz: “Há, todavia, boas razões para supor que o diagnóstico da situação cultural contemporânea em termos de ‘desconforto’ não equivale simplesmente em sustentar um pessimismo histórico genérico.” (VOLPI, 1989, p. 156. Tradução nossa) Não se pode deduzir do diagnóstico de crise da humanidade, diagnóstico esse pessimista, que todo prognóstico sobre a humanidade científica e ética seja pessimista, ao contrário, Husserl dá uma resposta otimista à crise ao elevar o valor da filosofia e do filósofo na busca ética e existencial da ciência.

Para uma ética fenomenológica é preciso se afastar do empirismo e do ceticismo ético. Torna-se necessário construir as bases de uma ética a partir da visão filosófica, ou seja, antes de tudo é crucial fazer uma redução fenomenológica das ciências de fatos para vislumbrar uma ciência fundante e transcendental, que analise a vida humana por vias de suas condições de sentido ético, isto é, por uma via de pesquisa pura, na qual o sujeito não é mais um entre outros, mas o âmbito da subjetividade constituinte. O projeto da *Krisis* e sua ética se relacionam muito com o texto da *Renovação*⁶ para a revista *Kaizo*. Neste mesmo sentido, a ética entra como uma ciência que deve ser

fundada fenomenologicamente. Para Fabri: “No caso da ética, trata-se de propor uma renovação do homem e da cultura, pois a guerra revelou a miséria moral e religiosa da humanidade. Ela revelou, igualmente, nossa miséria filosófica.” (FABRI, 2006, p. 73) É fundamental resgatar a importância da filosofia para construir uma ética universal e autêntica.

Não se trata somente de pensar a ética no sentido do filósofo como uma ética individualista, ao contrário, a ética da *Krisis* pretende resguardar a comunidade. É uma ética comunitária, pois pensa no outro como fazendo parte dessa configuração de liberdade e responsabilidade perante suas decisões morais. Segundo Trotta:

Logo, nos ensaios da Renovação e Crise da humanidade europeia e a filosofia, Husserl crítica a ética de corte individual – kantiana –, pois, ao voltar às coisas mesmas, restaura a reflexão aristotélica sobre o mundo comunitário. A partir dos anos do pós-guerra, o pensamento ético husserliano volta-se ao espírito de renovação individual e coletiva do homem, em que a ética, ciência filosófica, ocupa-se com o cotidiano da vida ativa. (TROTТА, 2015, p. 43)

Quando se pensa a ética fenomenológica desde os textos de 1922, como é o caso do texto da *Renovação*, já se defende a ideia da ética comunitária e não mais de uma ética individual com viés moderno. Este resgate da coletividade no pensamento ético, esta valorização da comunidade, do coletivo, e do outro mostra um retorno aos textos clássicos da filosofia ética, como Aristóteles, por exemplo, que defende que o homem que vive sozinho ou é um deus ou uma besta⁷, ou seja, o homem é um ser social tanto quanto é racional. Nesse período de 1922, Husserl afirma sua concordância com a filosofia aristotélica ao dizer: “O homem não vive como solitário – também aqui conta, portanto, a eficácia da observação dos outros, a aprendizagem com os seus combates, a preocupação em ter modelos nobres etc” (HUSSERL, 2014, p. 54) Para Husserl, o humano está sempre inserido na vida comunitária, o que caracteriza a importância da vida prática e da ética para a vida humana.

A FILOSOFIA E A VIDA ÉTICA

Nas *Ideias I* Husserl já afirmava o papel da fenomenologia como condutora da filosofia de seu tempo histórico, assemelhando a sua ciência fenomenológica ao fazer filosófico mais radical e identificado com a filosofia grega. Anos depois, nos textos escritos entre 1923-1924 sob o título de *Filosofia primeira*, ele quer resgatar o aspecto fundante da filosofia:

[...] a fenomenologia tem por essência de reivindicar o direito de ser filosofia “primeira” e de oferecer os meios para toda crítica da razão que se possa almejar, e que por isso, ela requer a mais completa ausência de pressupostos e absoluta evidência reflexiva sobre si mesma. (HUSSERL, 2002, p. 144. Tradução nossa)

Ela tem o papel de uma metafísica no sentido de dar as respostas das causas primeiras e mais fundamentais de todo conhecimento e vivência do mundo. Nesse mesmo aspecto a retomada da vida filosófica também aparece como uma retoma ética do eu em relação ao seu tempo vivido.

A referência à filosofia grega é fundamental para compreender qual sentido deve tomar a humanidade contemporânea. Ela deve renovar o ideal grego e sua liberdade de pensamento. Husserl pergunta no § 3 de *Krisis*: “Que apreende a humanidade europeia, no homem antigo, como o essencial?” (HUSSERL, 2008, p. 23) Tal pergunta deve ser lida como um resgate desse ideal grego, que está em crise na civilização europeia

contemporânea, devido aos avanços e escolhas das ciências positivas. O que o mundo antigo tem a nos dizer acerca da crise da ciência e da humanidade atual? Ela nos diz: a crise está em deixar de lado as perguntas filosóficas. O que a humanidade atual deve apreender com o homem antigo? Diz Husserl: “[...] não é senão a forma de existir filosófica: o dar-se livremente a si mesmo, a toda sua vida, as suas regras, a partir da razão pura, a partir da filosofia.” (HUSSERL, 2008, p. 23) A humanidade para Husserl deve ser o ideal de uma humanidade filosófica ou filosofante. É esse caráter filosofante a verdadeira chave da fenomenologia, a qual torna possível pensar uma ética para os tempos de pós-guerra.

O § 6 de *Krisis* também define o que é filosofia colocando-a numa relação estreita com a humanidade, e mesmo de dependência desta em relação àquela. Ele diz: “A filosofia, a ciência seria então o movimento histórico da revelação da razão universal, ‘inata’ como tal à humanidade” (HUSSERL, 2008, p. 31). Husserl ainda pergunta se o *telos* surgido na Grécia faz sentido:

Só assim se decide se o *telos* que, com o nascimento da filosofia grega, se tornou inato à humanidade europeia, o *telos* de [...] querer ser uma humanidade a partir de uma razão filosófica, e de só poder ser como tal, é um mero delírio histórico-fático, uma aquisição acidental de uma humanidade acidental, no meio de muitas outras humanidades e historicidades; ou se antes não irrompeu na humanidade grega, pela primeira vez, aquilo que, na humanidade enquanto tal, se definiu, segundo a sua essência, como *enteléquia*. (HUSSERL, 2008, p. 31)

O *telos* surgido com a filosofia grega de pensar a humanidade a partir da razão filosófica possui um sentido profundo e verdadeiro para Husserl, que pretende pensar sua fenomenologia como essa filosofia responsável por preencher de sentido a vida da humanidade, de dar uma resposta ética ao seu momento histórico, ao construir uma ética fenomenológica preocupada com a existência de modo geral, e incluindo a alteridade como aspecto essencial de uma visão ética englobante.

Filosofia é ciência (*episteme*), assim como fenomenologia é ciência para Husserl, mas se trata de uma ciência das ciências, a ciência mais fundamental, ou filosofia primeira. A ideia central da fenomenologia como doadora dos fundamentos e método a todas as ciências explica a própria definição que Husserl tem da filosofia. A fenomenologia não é um tipo de filosofia, mas a própria expressão verdadeira da filosofia, como guia e fonte de toda compreensão radical e definitiva do homem e do mundo. Robert Sokolowski no seu livro *Introdução à fenomenologia* em diversos momentos deixa claro que filosofia para Husserl é a própria fenomenologia. A fenomenologia também tem um caráter ético quando pensa na existência como um todo. “A fenomenologia não só cura nossa angústia intelectual; mas também abre a porta para a exploração filosófica àqueles que desejam praticá-la.” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 24). O conceito de humanidade deve ser pensado como humanidade fenomenológica, por que tal conceito só pode ser elucidado por via do exercício da fenomenologia como ciência da consciência pura.

Se as ciências estão em crise, esta crise também atinge a ética e, por conseguinte, a filosofia como base de sustentação da vida. A filosofia não pode cair no ceticismo e na descrença de sua própria importância para o mundo ético e social. Ela tem uma tarefa fundamental diante da existência, e suas questões universais, que pautam as teorias científicas, nunca podem ser deixadas de lado. O erro da ciência é pensar que ao se separarem da filosofia não dependem em nada dela, esta falsa independência das ciências positivas provocaram a crise dentro da sociedade contemporânea transformando-a numa humanidade doente, ou seja, numa humanidade carente de

significação ético-existencial, carente de filosofia. Husserl defende, portanto que: “As ciências no plural, todas as ciências alguma vez por fundar e todas as que já estão a trabalhar, são apenas ramos não autônomos da filosofia una” (HUSSERL, 2008, p. 24). O que a filosofia pensada como a unidade das ciências tem a ver com a vida ética? Ora, sem a filosofia não haveria como pensar uma ética racional, e esta nem se colocaria com ciência prática.

A vida ética e fenomenológica exige um afastamento do pensamento factual, ou seja, exige um colocar entre parênteses a tecnicidade e o conceito positivista de ciência. Para Husserl: “O positivismo, por assim dizer, decapita a filosofia” (HUSSERL, 2008, p. 25). Não tem algo mais funesto para a filosofia e para o propósito de uma vida ética do que aceitar o positivismo da ciência, por que ele faz cair por terra toda construção histórica da metafísica como filosofia primeira, e todas as questões universais caras ao pensar filosófico, assim como toda arquitetura dos conceitos éticos. O filósofo afirma:

Deste modo, coube à metafísica, à ciência das questões supremas e últimas, a dignidade de rainha das ciências, cujo espírito unicamente proporciona o sentido último a todos os conhecimentos, aos conhecimentos de todas as outras ciências. (HUSSERL, 2008, p. 25)

A fenomenologia também representa esse ideal de filosofia primeira para Husserl, que a apresenta assim, por exemplo, já na obra *Filosofia primeira* formada por textos dos anos de 1923-1924. A primeira lição trata justamente de elevar a fenomenologia à dignidade de uma *Filosofia primeira* Husserl fala nessa obra sobre o filósofo que trabalha com a metafísica:

Quanto ao sujeito filosofante, nos devemos dizer por consequência isto: o iniciador da filosofia no verdadeiro sentido da palavra é aquele que coloca em obra a filosofia primeira, desde sua criação até realmente, isto quer dizer na verdade absolutamente irrefutável ou em uma evidencia mais perfeita. (HUSSERL, 2002, p. 6)

Qual a relevância de trazer à baila a fenomenologia como filosofia primeira para a questão ética? É justamente com a meditação da vida filosófica e dos conceitos metafísicos que a ética se desenvolve no pensamento filosófico clássico. Sem metafísica e ontologia não há história da filosofia que se sustente, os conceitos morais e éticos se destacam no entrelaçamento com esse ramo da filosofia, com o seu tronco principal. Isto mostra que Husserl tem uma leitura muito tradicional da filosofia, e que esta leitura influenciará na constatação de um eu, o filósofo, como portador da ética e da fenomenologia.

O FILÓSOFO COMO FUNCIONÁRIO DA HUMANIDADE

A defesa de Husserl pela filosofia é também, por consequência, uma defesa da ética pensada pelos fenomenólogos como representantes dos intelectuais contemporâneos. O filósofo se coloca como responsável por dar um sentido ético aos problemas gerais da humanidade. A ética chama o filósofo a pensar o seu tempo e a historicidade de sua comunidade humana. Todas as dúvidas existenciais da vida humana requerem um pensar filosófico e uma resposta profunda sobre as situações factuais nas quais os sujeitos vivem. A resposta do porque da guerra, a resposta sobre o porquê da violência, da morte, da descrença e da falta de fé da humanidade, só tem sentido se pensada através de um portador de seu tempo, e no caso do nosso tempo atual, entra em cena o fenomenólogos para tentar responder essas dúvidas. A filosofia não pode morrer,

pois sem ela essas respostas ficam sem fundamento. Husserl afirma:

Enquanto filósofos deste tempo presente caímos, no entanto, numa lamentável contradição existencial. Não podemos deixar perder-se a crença na possibilidade da filosofia como tarefa, ou seja, na possibilidade de um conhecimento universal. Como filósofos seriamente, sabemos-nos vocacionados para esta tarefa. (HUSSERL, 2008, p. 33)

Mostra-se a presença de um existencialismo na fenomenologia husserliana, pois sua preocupação com a existência humana, com o bem-estar da humanidade diante dos sofrimentos e desvios éticos dos humanos apresenta-se como casos sérios a serem respondidos. Husserl como filósofo não pode deixar de lado a existência de seu tempo histórico, por isso, trata de repensar a sua fenomenologia na obra *Krisis*, para que esta possa dar uma esperança ao pensamento e ao próprio fazer filosófico da comunidade de filósofos. Este repensar a existência a partir da fenomenologia também é uma forma de fundar a ética na ciência fenomenológica e também dar um fundamento, um sentido ético ao fazer científico em geral.

Deste pensar a vida, a comunidade humana, as crises éticas das ciências, tem-se a famosa afirmação de Husserl sobre o papel do filósofo nesse contexto. Ele diz: “Somos então no nosso filosofar – como poderíamos ignorá-lo – funcionários da humanidade.” (HUSSERL, 2008, p. 33) O filósofo se apresenta aqui como funcionário da humanidade, ou seja, como o representante do seu tempo histórico na empreitada de pensar uma filosofia fundante e uma ética possível para os tempos sombrios de crise das ciências. Já na obra sobre a *Renovação* aparece o filósofo como responsável pela vida da comunidade:

Husserl termina a primeira parte do quarto texto *Renovação* com uma evocação, à moda platônica, da participação do filósofo na vida comunitária, a quem chamará, mais tarde, de “funcionário da humanidade” no livro *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. (TROTТА, 2015, p. 60-61)

O filósofo deve participar da vida comunitária, ou seja, o filósofo deve agir, no sentido de pensar a vida cotidiana e as questões universais que permeiam os acontecimentos de sua época. A vocação do filósofo impõe a ele uma responsabilidade perante si mesmo e também “a responsabilidade pelo verdadeiro ser da humanidade...” (HUSSERL, 2008, p. 33) Trata-se de pensar o fazer filosófico como responsabilidade essencial do fenomenólogo, no caso do pensamento husserliano. “A filosofia como teoria não liberta somente o investigador, mas todo aquele que seja formado filosoficamente.” (HUSSERL, 2008, p. 23) Todos que possuem uma formação voltada ao pensar filosófico têm essa liberdade de pensamento. O filósofo tem essa “íntima vocação pessoal” (HUSSERL, 2008, p. 33), contudo essa vocação é dotada de uma responsabilidade diante dos demais, isto é, em certo sentido o filósofo ao abraçar essa vocação torna-se responsável não só por si, mas pela humanidade inteira. Ele será aquele intelectual responsável por dar sentido ao mundo dos fenômenos e a existência da vida humana, em todos os seus setores, incluindo a ética.

No artigo *Renovação* Husserl já falava da vocação do filósofo perante a comunidade e na busca de uma comunidade autêntica. Ele diz:

Os filósofos são os representantes por vocação do espírito da razão, o órgão espiritual pelo qual a comunidade chega originária e continuamente à consciência da sua verdadeira destinação (da sua verdadeira identidade), e o órgão vocacionado para a propagação desta consciência no círculo dos ‘laicos’. (HUSSERL, 2014, p. 64-65)

Esse estar vocacionado é como um estar preparado para pensar o mundo e a consciência através da razão e da ciência, ou seja, da própria fenomenologia. Por isso, torna-se importante destacar o conceito de *eu puro*, campo no qual se concentra toda discussão fenomenológica. Para Fabri é o conceito de subjetividade que pauta as discussões éticas da fenomenologia. Ele diz:

Como teremos oportunidade de mostrar, a proposta de uma ética fenomenológica encontra-se, precisamente, na retomada do conceito de subjetividade. Trata-se de pensar o sujeito não somente como resistência crítica à estrutura especulativa do pensamento moderno, mas também e, fundamentalmente, como ponto de partida para uma contraposição consistente às consequências culturais da crise da metafísica ocidental, tais como o naturalismo, o ceticismo, o niilismo, etc. (FABRI, 2007, p. 29)

O filósofo como subjetividade psicológica, ou seja, fática nada pode pensar em termos de filosofia se não realizar a redução fenomenológica do seu próprio eu psicológico. Com a redução abre-se caminho ao pensar verdadeiramente transcendental e as questões fenomenológicas, dentre elas se coloca quais as estruturas de sentido que possibilitam uma ética contemporânea. Certamente o que não se deve recorrer é ao naturalismo, ceticismo e empirismo ético. A ética do filósofo deve ser pensada como ética doadora de sentido ético à comunidade humana. O filósofo como representante da humanidade busca elucidar uma “ética universal”.

O professor Wellington Trotta cita Husserl para falar da tarefa do filósofo:

Filósofos são os representantes por vocação do espírito da razão, o órgão espiritual pelo qual a comunidade chega originária e continuamente à consciência da sua verdadeira destinação (da sua verdadeira identidade), e o órgão vocacionado para a aprovação desta consciência no círculo dos ‘laicos’ (HUSSERL, 2006, p. 74). (APUD. TROTTA, 2015, p. 61)

O filósofo no uso da fenomenologia chega aos valores absolutos da ética através da razão. É esse o pressuposto para toda ética aceitável, a racionalidade. A vocação do filósofo está apoiada nessa razão presente na ética. Deve-se a partir desse ponto mostrar a relevância da razão na ética do filósofo que se estenderá a ética comunitária.

No texto *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*⁸, Husserl fala da vocação do filósofo e da educação por ele proporcionada. Ele diz: “Assim se difunde a Filosofia de uma maneira dupla: enquanto ampliação da comunidade de vocação dos filósofos e enquanto ampliação conjunta do movimento comunitário da educação.” (HUSSERL, 2008, p. 335) O filósofo é visto como o educador, ensinando uma postura crítica em relação a realidade. A filosofia tem um papel de transformação cultural da humanidade, dando a ela as bases sólidas para refletir e abandonar o ceticismo, e a empiria ingênua do cotidiano e da tradição, em busca de uma verdade objetiva.

A RAZÃO COMO PRESSUPOSTO DA ÉTICA FENOMENOLÓGICA

Husserl vai pensar a ética através do conceito de razão. Para ele a racionalidade tem um sentido amplo e autêntico, ela comporta um ideal da filosofia grega e tem como intuito conduzir o desenvolvimento da humanidade. “A razão é um título amplo. Segundo a boa velha definição, o homem é um ser vivo racional...” (HUSSERL, 2008, p. 339), tal citação foi tirada de *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*, mas a razão aparece muito na *Krisis* como o pressuposto da filosofia e da ética fenomenológica. No § 73 ele diz: “A razão é o específico do homem, como ser que vive

em atividades e habitualidades” (HUSSERL, 2008, p. 279). O humano no seu cotidiano vive a razão, ele tem como característica a racionalidade. A filosofia descrita por Husserl se baseia no racionalismo, ela se dedica e se inspira na razão, no logos, como condição de existência de um saber maior e mais qualificado. “O homem da experiência cotidiana não é irracional, é um ser pensante...” (HUSSERL, 2008, p. 277) O humano possui uma linguagem e levanta questões sobre a verdade, ele confirma, argumenta e decide racionalmente.

Ao falar de filosofia fala-se de fenomenologia, como também de racionalismo. Assimilar a filosofia à razão, ou ao conhecimento racional é dizer uma tautologia, segundo Husserl no emblemático § 73. A proposta ética nesse último período ultrapassa de modo crucial a própria ética, pois adentram aos caminhos da filosofia universal como fundadora de uma ciência renovada pelo ego filosofante implicado nos seus co-filósofos possíveis, ou seja, na humanidade como intersubjetividade absoluta. A vida ética dos sujeitos enquanto egos puros deve ser vida filosofante, melhor ainda é vida fenomenológica racionalista. O que nada mais é que exercer seu próprio eu racional e livre para refletir fenomenologicamente. Assim como queria Aristóteles ao dizer que o homem é um animal racional, não diz mais que é sua obrigação ética o exercício de sua racionalidade.

A fenomenologia tem o propósito de nos libertar de todo conhecimento ingênuo do mundo, e garantir nossa visão reflexiva e racional da existência. Diz Husserl:

A fenomenologia liberta-nos do velho ideal objectivista do sistema científico, da forma teórica da ciência matemática da natureza, e liberta-nos, nestes termos, da ideia de uma ontologia da mente que pudesse ser analogon da física. (HUSSERL, 2008, p. 275)

A filosofia pensada como fenomenologia tem o intuito de libertar a razão da ciência objetivista, ou seja, do caráter técnico e limitado do mundo de fatos. Logo, a razão aparece como um instrumento da autoefetivação da fenomenologia, como instrumento do filósofo em favor de uma ciência fundante transcendental.

O conceito de razão expresso na autoefetivação da razão realizada pela fenomenologia faz parte do próprio ser do humano, diz Husserl: “A razão é o específico do homem, como ser que vive em atividades e habitualidades humanas” (HUSSERL, 2008, p. 279). Sua vida é uma incessante apreensão de intencionalidades em desenvolvimento. No § 139 de ideias I diz:

[...] o caráter racional ele mesmo, é exatamente, o caráter da legitimidade, que lhe cabe por essência, portanto, não como fato contingente entre circunstâncias contingentes de um eu efetivamente configurado, ‘aparente.’” (HUSSERL, 1976, p. 332. Tradução nossa)

O caráter racional almejado por Husserl na autoefetivação da razão humana deve ser pensado como algo de legítimo eideticamente. A razão está no homem como esse sujeito que vive nas duas atitudes, a atitude natural e a atitude transcendental. Contudo, é na atitude transcendental ou fenomenológica que está a possibilidade verdadeira de efetivação de sua condição humana, a efetivação de sua racionalidade, através da descrição das vivências e do sentido da existência humana.

O humano se torna um problema metafísico, ou seja, estritamente filosófico, e dentro desse esquema ele contém o problema da razão, o homem está em questão como ser racional, pois isso se trata do sentido da razão na historicidade do sujeito. Os problemas impostos pela racionalidade são os problemas do conhecimento e da razão prática:

Ela é explicitamente o tema nas disciplinas do conhecimento (a saber, do conhecimento racional), do valor verdadeiro e genuíno (dos valores genuínos enquanto valores da razão), da ação ética (do agir verdadeiramente bom, o agir da razão prática); a razão é, assim, um título para ideias e ideias ‘absolutos’, ‘eternos’, ‘supratemporais’, válidos ‘incondicionalmente’. (HUSSERL, 2008, p. 25)

Para Husserl as questões metafísicas, que são as questões filosóficas, ultrapassam o mundo dos meros fatos, e culminam nas questões racionais. As questões racionais são pertinentes a partir do fato de ser a humanidade uma humanidade racional, isto é, desde o nascimento da filosofia está voltada ao ser racional. A humanidade é orientada para a razão de modo teleológico, buscando o fim na razão em si mesma. Quando Husserl fala de racionalidade, deve-se tomar o cuidado de não relacioná-la com o racionalismo do século XVIII. Segundo ele tal expressão da razão foi uma ingenuidade. Em suas próprias palavras: “Estamos agora certos de que o racionalismo do século XVIII, o seu modo de querer adquirir a radicação requerida à humanidade europeia, foi uma ingenuidade” (HUSSERL, 2008, p. 32) A *Krisis* está voltada sim ao fazer ético, a razão prática toma a direção da fenomenologia nesse escrito que pretende renovar o sentido cultural da humanidade e das ciências.

O *logos* não tem apenas um caráter teórico, mas também se apresenta na forma ética da razão prática, da ação. E a ação aqui se explicita na própria efetivação em renovar a existência da ciência e da humanidade em geral através da prática individual do filósofo, que se maximiza numa prática da comunidade e que se desenvolve num resultado coletivo. Cabe recordar a afirmação de Vásquez sobre a ética e a razão prática:

Mas o ponto crucial da ética husserliana, o que precisamente mais nos interessa hoje, se localiza no trânsito das análises intencionais dos valores da ética como assunto de pessoas responsáveis histórica e culturalmente, tanto desde um ponto de vista individual como desde um ponto de vista social e coletivo, e daqui a dimensão transcendental da intencionalidade como teleologia e como responsabilidade no âmbito da razão prática. (VÁSQUEZ, 2002, p. XI)

A razão é importante para dar valor a própria concepção existencial do ser humano como ser verdadeiro e ético. O sentido de humanidade foi perdido pela crise das ciências europeias, pois estas se afundaram numa concepção técnica do mundo. Husserl diz: “Se o homem perder esta crença, tal não significa mais do que isto: ele perde a crença em si mesmo, no ser verdadeiro que lhe é próprio...” (HUSSERL, 2008, p. 29) Perder a crença em si mesmo é perder todo valor e sentido da humanidade, em resumo é perder as raízes, e por consequência, perder uma orientação ao futuro. Não saber para onde caminhar, não saber para onde a ciência pode se direcionar, é um diagnóstico bem pessimista da existência.

Husserl pretende resgatar esse ser verdadeiro da humanidade para apontar um futuro mais otimista à existência humana. Esta meta otimista não pode ser interpretada como algo de ingênuo na fenomenologia husserliana, pois ingênuo mesmo é não crer na força e ação dos eus em comunidade. Como ele diz: “Em toda parte o ser verdadeiro é uma meta ideal, uma tarefa da *episteme*, da razão, contraposta ao ser meramente suposto que, na doxa, é inquestionavelmente ‘óbvio’” (HUSSERL, 2008, p. 29). É tarefa da filosofia, ou seja, da fenomenologia, com auxílio da razão, do *logos*, pensado como os gregos pensavam, que o sentido do ser do humano se mostrará verdadeiro.

Nos anexos da *Krisis*, em especial nos anexos XXIV e XXV, Husserl elabora importantes considerações acerca da atuação do filósofo perante a humanidade. Há também uma importante constatação do filósofo e do humano em sua posição política e social. Na ética fenomenológica, assim como acontece na filosofia grega, ética e política se conectam, pois o fazer ético se dá dentro de um estado. Para Husserl não é diferente:

Pressupomos já a forma superior da normatividade da existência humana, como existência num povo dotado de um vínculo normativo num estado, numa ordem política dotada de uma ordenação de vontades segundo relações de domínio e serviço. (HUSSERL, 2008, p. 506)

No horizonte de tarefas que competem a cada pessoa, está a tarefa do filósofo. “Entre estas, encontramos então também a filosofia como tarefa, como vocação pessoal” (HUSSERL, 2008, p. 506). Segundo Husserl a existência do filósofo é histórica num sentido totalmente diferente das outras vocações. Esta diferença está na forma como filósofo representa o povo, a humanidade, nas questões essenciais de responder aos conflitos éticos e políticos de seu tempo histórico. Interessante como Husserl pensa a distribuição das tarefas no estado, e como o filósofo ganha destaque nesse processo divisório, dizendo que a tarefa do filósofo vem de uma vocação, algo que não é escolhido imediatamente por qualquer indivíduo. A vocação do filósofo tem uma condição originária, a saber, a responsabilidade em descrever as estruturas de sentido das vivências mundanas, ou seja, como tem o privilégio da compreensão do plano transcendental, este tem também a obrigação de pensar uma ética melhor para sua comunidade. Esta ideia do filósofo como representante de um povo parece se espelhar na filosofia platônica, a qual também valoriza a filosofia como forma privilegiada de acesso ao verdadeiro, ao bem, à valorização do coletivo e ao resgate da alteridade.

A tarefa da filosofia, melhor ainda, da fenomenologia é renovar a vida cultural, seja no sentido ético, seja no sentido científico. “Com a nova tarefa e o seu solo apodíctico universal, demonstra-se a possibilidade prática de uma nova filosofia: através da ação.” (HUSSERL, 2008, p. 34) A prática do filósofo é justamente o pensar sobre seu tempo, refletir sobre os dilemas éticos, e apontar um rumo à humanidade que está em crise. A partir dessa vocação, o filósofo carrega uma responsabilidade de dar sentido às ações e decisões da humanidade. Trata-se de um sentido existencial buscado na vida reflexiva e no autoestudo. “O autoestudo permanece a função permanente da efetivação do devir homem integral e humanidade integral” (HUSSERL, 2008, p. 504). A existência pessoal divide-se de dois modos, primeiro o sujeito que não é ainda uma pessoa em sentido pleno, e o sujeito que levou a cabo o autoestudo último e o autogoverno de si. Logo, o autoestudo é esse momento de passagem aos estudos fenomenológicos, a saída da ingenuidade dada pelo filósofo e pela filosofia no geral.

O filósofo tem como guia a história da filosofia. Ele mesmo é o porta-voz da história da filosofia inteira. Contudo, o desenvolvimento histórico da filosofia é coisa dos vivos, é preciso agir no filosofar para alcançar êxito na empreitada de renovar a cultura ocidental. Husserl diz por fim que a responsabilidade dessa empreitada é do filósofo.

Que espécie de estudo histórico é então necessário para o filósofo contemporâneo, que vive no presente do mundo da vida ainda na certeza profissional, na certeza de estar vocacionado para a sua tarefa, mas que reconhece que a filosofia está ameaçada pelo presente? O estudo deve manifestadamente ter o *caráter da responsabilidade radical* e, com efeito, como uma responsabilidade que se joga na sua pessoa, mas que assume, no entanto o caráter de uma responsabilidade comum da comunidade filosófica contemporânea inteira. (HUSSERL, 2008, p. 508, grifo do autor)

A filosofia como práxis do filósofo é particular dessa comunidade de pensadores. Existem várias comunidades de cientistas, vários modos de pensar o mundo, mas o filósofo por sua vocação está como um professor para toda cultura ocidental que queira se inserir no âmbito da ciência, e mesmo para aqueles que permanecem no mundo da atitude natural. Conclui-se como o filósofo é importante para pensar o seu tempo histórico, e ele se torna responsável por dar respostas à existência da comunidade de sujeitos, incluindo as respostas éticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Pedro M. S. Introdução na tradução portuguesa. In: Husserl. *Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo – a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. De Mario da Gama Kury. Brasília: editora universidade de Brasília, 1985.
- FABRI, Marcelo. *A atualidade da ética husserliana*. Porto Alegre: Revista Veritas, 2006. Número 2, volume 51, p. 69-78.
- FABRI, Marcelo. *Ética pura e situações motivacionais: o sujeito moral em Husserl*. Revista Dissertatio, 2012. Número 35, p. 31-45.
- FABRI, Marcelo. *Fenomenologia e cultura. Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FERRER, Diogo Falcão. Apresentação da tradução portuguesa. In *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica*. Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- GARCIA, Mariana Chu. *El camino del filósofo. Husserl y el sentido de la ética*. Investigaciones Fenomenológicas, vol. Monográfico 6, número 3, 2015, p. 29-50.
- HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica*. Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- HUSSERL, Edmund. *Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo – a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.
- HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. 1. Halbband: Text der 1.-3. Auflage. Edited by Karl Schuhmann. Hua III-1. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.
- HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Philosophie première. Histoire critique des idées*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- SOKOLOWSKI. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- TROTTA, Wellington. *Reflexão acerca dos elementos constitutivos da ética husserliana*. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.37-66, out.2014/mar.2015.
- VÁSQUEZ, Guillermo Hoyos. La ética fenomenologica como responsabilidade para la renovación cultural. Introducción In HUSSERL, Edmund. *Renovación del hombre y de la cultura. Cinco ensayos*. Barcelona: Anthropos editorial, 2002.
- VOLPI, Franco. Aux racines du malaise contemporain: Husserl et la responsabilité du philosophe. In: ESCOUBAS, Eliane e RICHIR, Marc. *Husserl*. França: Editions Jérôme Millon, 1989, p. 155-179.

NOTAS

- 1 Na apresentação para edição portuguesa Diogo Falcão Ferrer explica que a III parte de Crises dos §§28 a 72 não foi encontrado o original redigido em estenografia por Husserl, mas só

- a cópia passada a limpo por Eugen Fink e anotada pelo autor. O § 73 é também um manuscrito independente que o editor considerou apropriado para a função de fecho da obra. (FERRER, D. F. Apresentação da tradução portuguesa. In HUSSERL. 2008. p. 9-10.)
- 2 Pedro M. S. Alves, professor da Universidade de Lisboa e tradutor de várias obras de Husserl, comenta na introdução da tradução portuguesa da obra *Europa: Crise e Renovação*, que a conferência de Husserl em Viena intitulada: *A crise das ciências europeias e a Filosofia* de 1935 tem um caráter e sentido bem diferente da visão de Heidegger, seja em termos de cultura, seja em termos de política e do próprio entendimento da Filosofia. Segundo Alves, Heidegger fez uma conferência em Roma no ano de 1936, um ano depois da conferência de Husserl em Viena, intitulada *A Europa e a Filosofia Alemã*, a qual ele finaliza com um fragmento de Heráclito sobre *polemos*, a guerra, aquele que expõe uns como escravos e outros como senhores, o que mostra associação de Heidegger ao nazismo. Como diz Alves: “Coisa completamente diversa tinha Husserl para dizer acerca da Filosofia e da supranacionalidade europeia, em 1935. A cultura filosófica é a cultura da Razão. Nesse sentido, a Filosofia não é europeia. Pelo contrário, é a Europa que é filosófica. E a grandeza da Europa filosófica, o seu estatuto de ‘arconte’ da humanidade, não se confunde com qualquer projeto de domínio protagonizado por um povo, mas com o modo como ela, na finitude das suas formas de cultura, é o fenômeno da ideia infinita de uma cultura racional que pode, sem limites, tornar-se a cultura de uma Humanidade universal” (ALVES, 2014, p. IX)
- 3 “Sea en la forma del biologismo, psicologismo o antropologismo, el empirismo ético conduce al escepticismo, pues con la comprensión naturalista de los conceptos éticos se niega la idea de razón práctica, de obligación y de bien en sí.” (GARCÍA, 2015, p. 33)
- 4 O termo ciências de fatos é usado por Husserl na obra *Ideias I* para indicar todas as ciências da experiência, mais especificamente da experiência empírica ou natural, que são compostas por todas as ciências da natureza material e psicofísica, como por exemplo, a fisiologia e a psicologia, Husserl inclui também como ciências de fatos as ciências do espírito, como, por exemplo, a História, as ciências que estudam as civilizações e a Sociologia.
- 5 Franco Volpi em seu artigo: *Aux racines du malaise contemporain: Husserl et la responsabilité du philosophe* retrata bem a questão da vocação do filósofo com relação a verdade e como o filósofo é responsável por pensar seu tempo histórico. Contudo, deve-se discordar aqui do que o autor chama de “physiologie de la pensée” (VOLPI, 1989, p. 168), que traduzimos por fisiologia do pensamento. O termo fisiologia aparece várias vezes no texto, mas sem uma explicação devida sobre o que significa na perspectiva interpretativa da obra de Husserl. Discorda-se desse termo empregado para pensar a consciência ou subjetividade na obra husserliana. O próprio Husserl criticou duramente a interpretação física e biológica da mente humana, para ele tais ciências são ciências naturais, pautadas numa concepção psicologista da consciência. A consciência é muito mais do que seus aspectos biológicos, ela é o campo do sentido transcendental que possibilita toda compreensão de mundo. Volpi diz ainda: “...Husserl, no desenvolvimento de sua perspectiva, apenas segue um modo de tendência ‘fisiológica’ imanente ao pensamento ele mesmo...” (VOLPI, 1989, p. 169) Ora, utilizar o termo fisiológico para falar do pensamento ou da consciência em Husserl é um equívoco muito grande. Contudo, o autor traz no texto uma comparação com Heidegger, que talvez explique o uso inapropriado o termo fisiologia atribuído à obra de Husserl.
- 6 Trata-se aqui do artigo *Renovação* escrito para a revista japonesa *Kaizo* em 1923, que começou a ser escrito no outono e no inverno de 1922.
- 7 Aristóteles diz na *Política*: “De fato, se cada indivíduo isoladamente não é auto-suficiente, consequentemente em relação à cidade ele é como as outras partes em relação ao seu todo, e um homem incapaz de integrar-se numa comunidade, ou que seja auto-suficiente a ponto de não ter necessidade de fazê-lo, não é parte de uma cidade, por ser uma animal selvagem ou um deus” (ARISTÓTELES, 1253^a)
- 8 Esse texto é resultado de uma conferência proferida por Husserl em 7 de maio de 1935 na cidade de Viena a convite do *Kulturbund*, a conferência foi realizada na sala de conferências do *Österreichisches Museum*, conforme informação do professor Pedro M. S. Alves na introdução da tradução portuguesa da obra de Husserl, *Europa: crise e renovação*, p. XII.

- 9 “[...] der Vernunftcharakter ist eben selbst der Character der Reichtheit, der ihr wesensmäßig, also nicht als zufälliges Faktum unter den zufälligen Umständen eines faktisch setzenden Ich, ‘zukommt.’” Na tradução de Márcio Suzuki para o português está assim: “[...] o caráter racional é justamente, ele mesmo, o caráter da legitimidade, que lhe ‘cabe’ por essência, portanto, não como fato contingente entre circunstâncias contingentes de um eu faticamente posicional.” (HUSSERL, 2006, p. 309). Suzuki traduz “faktisch setzenden Ich” por “eu faticamente posicional” e suprime a expressão final da frase de Husserl: “zukommt”, que entra como complemento à definição do eu efetivo. Prefere-se traduzir “faktisch setzenden Ich, ‘zukommt’” por “eu efetivamente configurado, ‘aparecente’”. De fato, a expressão ‘zukommt’ não é de fácil tradução, pois no contexto tem a ver com o “algo que se configura na efetividade” ou “algo que vem a aparecer”, pois ‘kommt’ é conjugação do ver ‘kommen’ que significa vir, chegar, acontecer, aparecer. Traduzimos ‘zukommt’ por ‘aparecente’ no sentido de algo que vem ao aparecimento, ‘aparecente’ ou que é fenomênico.